

# O discurso de valorização das línguas indígenas em prólogos de artes de gramática missionárias

Cristiano Silva Jesuita<sup>1</sup>

## Introdução

O continente europeu assiste, entre os séculos XV e XVI, ao processo de gramatização<sup>2</sup> e dicionarização das línguas nacionais (Cf. AUROUX, 2009). A produção de gramáticas e dicionários, nesse período, obedece, em grande medida, a imperativos políticos, econômicos e religiosos, entre eles, o movimento de consolidação do Estado Nação, o imperialismo ibérico – cuja célebre frase de Nebrija, *siempre la lengua fue compañera del império*, é o maior exemplo – e a contrarreforma da Igreja católica.

A partir do século XV, o castelhano Elio Antônio de Nebrija (1492), o italiano Alberti (1437) e o francês Barton (1409) colocam em regra as línguas

---

1 Doutor em Língua Portuguesa PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa História das Ideias Linguísticas (Brasil e Portugal) e identidade nacional da PUC-SP, coordenado pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leonor Lopes Fávero. Contato: cjesuita81@hotmail.com

2 A gramatização é, de acordo com Auroux (2009), o processo que possibilitou descrever e instrumentalizar as línguas ao redor do mundo a partir da tradição linguística greco-latina.

espanhola, italiana e francesa, respectivamente. No século seguinte, Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540) gramatizam a língua portuguesa.

Ainda de acordo com Auroux (2009), o processo de gramatização dos vernáculos europeus é contemporâneo do processo de descrição das línguas de outros continentes e das línguas nativas da América. No continente americano, segundo o levantamento de Viñaza (1977), o franciscano Andrés de Olmos, em 1547, escreve a *Arte de la lengua Mexicana*, o dominicano Domingo de Santo Tomás publica, em 1560, a *Grammatica o Arte de la lengua general de los indios de los reynos del Peru* e, ainda no século XVI, o jesuíta José de Anchieta publica a *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, a primeira gramática sobre uma língua indígena do Brasil (1595)<sup>3</sup>.

O trabalho de descrição linguística dos vernáculos europeus trouxe consigo um crescente discurso de valorização das línguas nacionais. Como reflexo desse movimento, no continente americano, os missionários começaram a construir um discurso de valorização das línguas ameríndias que descreviam. Por conta disso, observamos que se por um lado, os prólogos de artes de gramática, vocabulários e confessionários produzidos pelos religiosos enfatizam, muitas vezes, a dificuldade e a estranheza das línguas nativas, por outro, constroem um discurso de valorização dessas mesmas línguas.

## 1. O discurso de valorização dos vernáculos europeus

Na Europa do século XIV, Dante, com o seu *De vulgari eloquentia*, coloca os termos da *questione della lingua* e define o vulgar como uma língua digna de cultura e literatura. No século XV (1492), Elio Antônio de Nebrija publica a primeira gramática sobre um vernáculo moderno e abre o caminho para um longo processo de produção de gramáticas e dicionários (Cf. AUROUX, 2009).

A partir desse momento, um movimento de defesa e ilustração das línguas nacionais percorre o continente europeu. Em Portugal, João de Barros, no

---

3 Na América Anglo-Saxônica, a gramatização das línguas indígenas conheceu um considerável atraso se a compararmos com a gramatização das línguas indígenas da América Latina. Os primeiros trabalhos publicados em inglês sobre as línguas indígenas da América do Norte só começam a aparecer no século XVII. Segundo Auroux (2009, p. 57, nota 39), os primeiros trabalhos sobre as línguas indígenas da América do Norte foram *A key into the language of America*, trabalho sobre a língua narraganset, publicado em Londres, em 1643, de R. Willimson, fundador da colônia de Rhode Island e a *The Indian grammar begun*, sobre a língua massachusetts, de J. Elliot, publicado em 1666.

*Diálogo em louvor da nossa linguagem* (1540)<sup>4</sup>, propõe uma hierarquia para os vernáculos europeus. A língua portuguesa estaria à frente das outras por sua proximidade com a língua latina e, na sequência, pela nobreza, riqueza vocabular e elegância, apareceriam as línguas espanhola, italiana e francesa.

FILHO – Qual destas [línguas] há por melhor e mais elegante?

PAI – A que se mais conforma com a latina, assim em vocábulos como na ortografia. E nesta parte muita vantagem tem a italiana e espanhol à francesa, e, destas duas a que se escreve como se fala, e que menos consoantes leva perdida. E, nesta ortografia, a espanhol vence a italiana; e mais, têm entre si os genoveses, que não é terra da tramontana nem transalpina (como eles dizem), mas uma parte da frol de Itália, os quais, de bárbara, não podem escrever sua linguagem e o que escrevem é em toscano ou em latim corrupto.

FILHO – Pois muitos dizem que a língua espanhol é desfalecida de vocábulos e que, quanta vantagem tem a italiana à castelhana, tanto excede esta a portuguesa, e que em seu respeito se pode chamar elegante. (BARROS, 2007 [1540], pp. 46-47).

Pero Magalhães de Gândavo, em 1574, escreve o *Diálogo em defesa da língua portuguesa*. Nele Gândavo coloca frente a frente o castelhano Falêncio e o português Petrônio. Todo o diálogo gira em torno da questão da nobreza e riqueza vocabular da língua portuguesa.

A proximidade com a língua latina é o argumento utilizado por Falêncio para demonstrar a superioridade da língua castelhana:

Falêncio – Pues, señor Petronio, ya que con el artificio de vuestras razones quereis ahogar, y confundir las mías, y piensais quedar vencedor, y triunfar de mi opinión: ahora os quiero probar en cómo la nuestra lengua es más propincua al latín que la vuestra [...]

---

4 Como declara Buescu na introdução ao trabalho de Barros (1971, p. XX), o *Diálogo em louvor da nossa linguagem* é parte de um conjunto de textos que “manifesta mais claramente a intenção e o pendor pedagógico e formativo de João de Barros”. O corpus pedagógico de João de Barros é formado pela *Cartinha para aprender a ler, com os mandamentos da santa madre igreja* (1539), *Gramática da língua portuguesa* (1540) e *Diálogo em louvor da nossa linguagem* (1540) e *diálogo da viçosa vergonha* (1540).

Pues como la lengua latina sea madre de las otras lenguas, y más copiosa y excelente de todas cuantas hay (como sabemos) aquella que más semejante y propincua fuera a ella, esa será mejor y más singular que las otras. (GÂNDAVO 2007 [1574], p. 75).

Petrônio, para demonstrar a maior proximidade da língua portuguesa com a latina e rebater o argumento de Falêncio, cita os mesmos versos que aparecem no diálogo de João de Barros:

O quam divinos acquiris terra triumphos,  
 Tam fortes ânímos alta de sorte creando.  
 De numero santo gentes tu firma reservas.  
 Per longos anos vivas tu terra beata.  
 Cõtra non sanctos te armas furiosa Paganos.  
 Viuas tu semper gentes mactando feroces,  
 Que ethiopas Turcos fortes Indos dás salvos  
 De Iesu Christo sãctos mostrado Prophetas.  
 (Id, Ibid, p.76)

Os versos acima ilustram outra vertente do discurso de valorização da língua portuguesa: a relação entre ela própria e o colonialismo português.

O primeiro gramático da língua portuguesa, Fernão de Oliveira, já reconhecia a importância da língua no movimento das grandes navegações portuguesas:

Não façamos assim, mas tornemos sobre nós agora que é tempo e somos senhores, porque melhor é que ensinemos a Guiné que sejamos ensinados de Roma [...] (OLIVEIRA, 1975 [1536], IV p. 42)

E prossegue,

[...] apliquemos nosso trabalho a nossa língua e gente e ficará com maior eternidade a memória dele e não trabalhemos em língua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas, que a possamos ensinar a muitas gentes e sempre seremos delas louvados e amados porque a semelhança é causa de amor e mais em línguas. (OLIVEIRA, 1975 [1536], V p. 46)

Imagem 1. Frontispício da primeira edição da gramática da linguagem portuguesa (1536) de Fernão de Oliveira.



O impacto do capitalismo mercantil, das navegações ultramarinas e da ação da Igreja católica no trabalho de sistematização e expansão da língua portuguesa pode ser lido no prólogo da “Cartinha” de João de Barros, dedicada ao príncipe D. Felipe:

Qual será, logo, a linguagem que nesta tenra e delicada idade de Vossa Alteza mais natural e obediente vos deve ser, senão a vossa portuguesa, de que Deus vos fez príncipe e rei em esperança? Aquela que na Europa é estimada, na África e na Ásia por amor, armas e leis tão amada e temida, que por justo título lhe pertence a monarquia do mar e os tributos dos infiéis da terra. Aquela que, como um novo apóstolo, na força das mesquitas e pagodes de todas as seitas e idolatrias do mundo, desprega pregando e vencendo as reais quinas de Cristo, com que muitos povos da gentildade são metidos no curral do Senhor. Da qual obra agora temos um divino exemplo, na conversão de cinquenta e sete mil almas na terra do Malabar, onde São Tomé, com tanto trabalho e martírio, passou desta vida à celestial glória. [...]

Pois gente em que tanto obrou a língua portuguesa, e que tanto amor dela traz a tantas mil léguas, que língua por arte podem mais facilmente

aprender senão aquela que nele obrou a salvação? Porque eles, com amor do tal benefício, e os meninos destes reinos, por lhe ser mãe e não madrasta, mãe e não ama, vossa e não alheia, com tanto amor receberam os preceitos dela que, quando forem preceitos da gramática latina e grega, não lhe serão trabalhosos os que cada uma destas têm, pela conformidade que entre elas há, como se pode ver nestes preceitos da gramática de vossa língua portuguesa que ofereço a Vossa Alteza, a quem são devidas as primícias de todos os novos e proveitosos frutos.

(BARROS, 2008 [1539], pp.81-82)<sup>5</sup>

As línguas clássicas (grego e latim) eram as portadoras de uma riqueza vocabular (*copia et abundantia*) por conta de sua longa tradição literária. Portanto, para equiparar as línguas europeias às clássicas, bem como aos outros vernáculos, os escritores do renascimento, cada qual a sua maneira, enfatizavam a riqueza lexical do seu idioma.

Na Espanha, Juan de Valdés, por exemplo, no *Dialogo de la lengua* (1535)<sup>6</sup> defendia a riqueza vocabular da língua castelhana:

[...] ni nos faltan vocablos con que sprimir los conceptos de nuestros animos, porque, si algunas cosas no las podemos explicar con una palabra, las esplicamos con dos o tres como mejor podemos; ni tampoco hazemos fieros con nuestra lengua, aunque, si quisiésemos, podríamos salir con ellos, porque me bastaria el animo a daros dos vocablos castellanos, para los cuales vosotros no teneis correspondentes por uno que me dieseis toscano, para el cual yo no os diese otro castellano que le respondesse. (VALDÉS 1876 [1535], p.199)

---

5 No início do século XVII, a mesma relação entre a nobreza da língua portuguesa e o movimento de expansão portuguesa pode ser lida na *Ortografia e origem da língua portuguesa* (1606), de Duarte Nunes de Leão: “E a língua portuguesa com razão se pode ter em muito e chamar ditosa, pois por ela se anunciou e manifestou a tantas gentes e de tão remotas e estranhas províncias a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, e foi causa de tirarem as errôneas e trevas em que o mundo vivia.” (LEÃO 1983, [1606], p. 315)

6 Juan de Valdés (1509-1541) foi um humanista, tradutor e filólogo espanhol. O diálogo encena a conversa de Valdés com três interlocutores: Pacheco (espanhol) e Coriolano e Marcio (italianos). O diálogo gira em torno das indagações dos três personagens sobre a história e a riqueza da língua castelhana

Na França, Joachhin Du Bellay na sua *Deffence et illustration de la langue françoise* (1549)<sup>7</sup> advoga a igualdade das línguas:

[...] donc les langues ne sont nées d'elles mêmes en façon d'herbes, racines et arbres, les unes infirmes et débiles en leurs espèces, les autres saines et robustes, et plus aptes à porter le faix des conceptions humaines: mais toute leur vertu est née au monde du vouloir et arbitre de mortelles. (DU BELLAY [1549], 1846, cap. I, pp.5-6)

Ambrosio Morales, no *Discurso sobre la lengua castellana* (1586)<sup>8</sup>, lamentava que a língua castelhana “igual con todas las buenas en abundancia” estava no estado de abandono por conta da falta de estudo e empenho dos espanhóis:

[...] por esto me duelo yo siempre de la mala suerte de nuestra lengua castellana, que siendo igual con todos las buenas en abundancia, en propiedad, variedad, y lindeza, y haciendo en algo de esto a muchas ventaja por culpa ó negligencia de nuestros naturales está tan olvidada, y tenuta en poco, que há perdido mucho de su valor (MORALES, 1773 [1586], p.8)

Joachin Du Bellay dá um passo importante no processo de valorização das línguas nacionais ao argumentar que qualquer matéria pode ser tratada em vernáculo:

[...] je lacerai en cet endroit les superstitieuses raisons de ceux qui soutiennent que les mystères de la théologie ne doivent être découvert, et quasi comme profanés en langage vulgaire, et ce que vont alléguant ceux qui sont d'opinion contraire, car cette disputation n'est prope à ce que j'ai entrepris, qui est seulement de montrer que notre langue n'a point eu à sa naissance les dieux et les astres si ennemis, qu'elle ne puisse

---

7 Joachin Du Bellay (1522-1560) foi um poeta e tradutor francês. Junto com outros intelectuais formou *La pléiade*, grupo que defendia a produção de uma literatura escrita em língua francesa

8 Ambrosio de Morales (1513-1591) foi um humanista, tradutor e professor de filosofia na Universidade de Salamanca. No *Discurso sobre la lengua catellana*, Morales faz uma denúncia do estado de abandono da língua castelhana que, de acordo com o autor, ocorria por falta de empenho dos próprios espanhóis.

un jour parvenir au point d'excellence et perfection aussi bien que les autres [...] (DU BELLAY 1846 [1549], cap. IV, p.11-12)

[...] et si on veut dire que la philosophie est un faix d'autres épaulés que de celles de notre langue, j'ai dit au commencement de cette oeuvre, et le dis encore, que toutes langues sont d'une même valeur, et des montes à une même fin d'un même jugement formées. Pourquoi ainsi comme sans muer de coutumes ou de nation, le français et l'allemand, no le grec ou romain, se peut donner à philosopher: aussi je crois qu'à chacun sa langue puisse compétement communiquer tout doctrine.

(*Id, Ibid, Cap. IX, p. 22*)

A partir do século XVI, portanto, o processo de descrição e normatização dos vernáculos europeus acabou por suscitar, entre os letrados do renascimento, a discussão sobre o valor e a dignidade das línguas nacionais. Não é por acaso que nesse período a questão da língua é matéria recorrente em prefácios de obras literárias, traduções, diálogos, cartas etc.

## 2. A gramatização das línguas indígenas

A partir do século XV, não só a Europa, mas também a América, a África e a Ásia assistem a um intenso trabalho de descrição e normatização linguística. Em todos esses territórios, missionários espanhóis e portugueses, das mais diversas ordens religiosas: agostinianos, dominicanos, franciscanos, jesuítas e mercedários, produziram um imenso *corpus* linguístico-doutrinal sobre as mais variadas línguas.

As obras linguísticas produzidas pelos missionários eram pensadas como instrumentos de auxílio aos religiosos que partiam da Europa e chegavam à América sem o conhecimento da língua indígena. As gramáticas, portanto, são instrumentos de aprendizado de uma língua estrangeira (segunda língua) produzidos por missionários falantes não nativos desta segunda língua (nativa) e destinados a outros missionários não falantes dessa mesma língua.<sup>9</sup>

Em relação ao trabalho de catequização, como relata o jesuíta Ludovico Bertonio, o domínio da língua era fundamental para o trabalho missionário,

---

9 Temos aqui um exemplo do que Auroux (2009) definiu como processo de exogramatização



uma vez que era dever do religioso conhecer a língua com a qual se deveria pregar a palavra de Deus e administrar os sacramentos:

[...]los pastores de las almas tienen sobre sus hombres dos officios importantísimos, que son la enseñanza de la verdad evangélica, y la administracion de los sanctos sacramentos. Luego mas que medianamente ha de saver entender y hablar la lengua de sus indios el que esta puesto por maestro de tan excelente doctrina: porque de otra suerte, o que dará muy corto en la explicacion de los soberanos mysterios, o lo que es peor, se porna a peligro muy grande de enseñar doctrina falsa y errônea, en lugar de catholica, y verdadera. Pues que diremos de la administracion de los sanctos sacramentos: no digo nada del sacramento de la confirmacion, nada del la extrema uncion, nada del orden, y matrimonio por no determe mucho: como podra enseñar al indio adulto que piede el santo batismo? A quien es forçoso declarar nuestros sagrados mysterios de la adoracion de un solo Dios, dela sanctissima trinidad, de la encarnacion, muerte, y resurreiçion del hijo de Dios, y redentor del governo humano. Como le enseñara lo que ha de obrar despues de batizado? Que dire del sacramento de la penitencia? Por ventura bastara saver como quiera una poca de lengua para administrarle como conviene?

(BERTONIO, 1603, Al lector)

A responsabilidade da conversão do gentio recai sobre os ombros dos missionários. E, de acordo com Bertonio, o sucesso ou o fracasso da conversão resulta da falta de empenho dos religiosos no aprendizado na língua. A mesma argumentação de que a dificuldade da conversão estaria na falta de empenho dos missionários em relação ao aprendizado da língua pode ser encontrada na gramática de outro do jesuíta, Diego Gonzales Holguin:

Todos culpan a los indios que aún son idólatras, hechizeros, que non tienen fe, que son incestuosos y borrachos; mas pocos les ayudan con la predicación y Dios cree que há de achar tanta culpa a ellos como a nosotros que no les predicamos, que esta culpa es aquella mesma que echa cristo a los sacerdotes de los judios Math. 23. [...] Y no echo la culpa a los nuevamente convertidos, sino a los que convertíen mal por no enseñarlos bien. Queixaisos de que no tienen fe, mas por que han de ter fe? Queixaos de los que no se predicán *quia fides ex auditu autem*

*per verbum christi* si les desseamos fe y su salvacion desocupemo-nos para saber lengua y predicarles”. (HOLGUIN, 1607, Dedicatória)

Vale destacar que, nesse período, os argumentos utilizados para justificar as dificuldades da conversão recaiam na visão negativa que muitos religiosos tinham da capacidade intelectual e a formação moral dos índios. Quando os missionários denunciam a falta de empenho dos religiosos no trabalho de catequização acabam por se afastar da visão dominante que apontava a *inconstância da alma selvagem* como o fator que impedia o sucesso do trabalho de conversão no Novo Mundo.

Os motivos (políticos e econômicos) que inspiraram os gramáticos europeus do renascimento na produção de gramáticas e dicionários diferem do motivo que levou os missionários a produzirem gramáticas e dicionários em solo americano. O jesuíta Pedro Maraban, no prólogo de sua *Arte de la lengua Moxa* (1702), deixa clara a diferença entre os objetivos das obras produzidas na Europa e os das obras produzidas na América:

[...] otros artes de naciones politicas facilità los idiomas para la expression de los conceptos; inteligencia de los negocios, y expedicion de su comercio: mas este arte de la lègua de los moxos unicamente se destina al mas sagrado ministèrio de la introducion de la feè en los entendimiètos de los barbaros, y a ganarles para Christo sus almas [...] (MARABAN, 1702, prologo al Exc. Señor)

O conhecimento linguístico era fundamental não só para o trabalho de produção de gramáticas e dicionários, mas também para o trabalho de tradução e produção de uma literatura religiosa. Por esse motivo, muitas vezes, o mesmo missionário produzia textos linguísticos e textos religiosos. Conforme recorda Ridruejo (2007,p. 163),

La combinaci3n de tratados lingüísticos con obras de carácter doctrinal es muy frecuente entre los misioneros. De una parte, porque unas veces son los mismos autores de obras lingüísticas los únicos que están capacitados para redactar o traducir obras religiosas a las lenguas indígenas y, por tanto, escriben unas y otras, tal como sucede con Andrés de Olmos o Alonso de Molina. En otras ocasiones porque se considera necesario publicar las obras religiosas como lo que eran, el instrumento realmente imprescindible para el evangelizador, mientras que las partes gramaticales eran consideradas en realidad como el medio propedéutico para hacer uso de tal instrumento.

A estreita relação entre textos linguísticos e religiosos pode ser percebida pelo fato de que muitas gramáticas foram publicadas em conjunto com textos doutrinários. O caráter coextensivo dos dois gêneros textuais (gramática e textos religiosos) como observou Daher (1999, 2012), é confirmado, por exemplo, pelo texto da permissão para a publicação de 1594 que aparece na primeira edição da gramática de Anchieta. Ele previa a impressão de um diálogo no mesmo volume da gramática.

Vi por mandado de sua Alteza estes livros de gramática e diálogos, compostos pelo Pe. José de Anchieta, Provincial que foi da Companhia de Jesus no Estado do Brasil. Nenhuma coisa tem contra a nossa sagrada religião nem bons costumes, antes muita que servirão muito para melhor instrução dos catecúmenos e aumento da nova cristandade daquelas partes; e para com mais facilidade e suavidade se plantar e dilatar nela nossa santa fé. Além da satisfação que há, por toda aquela costa, da grande virtude, religião e exemplo do autor, de quem sempre darei testemunho. Por onde me parece que se devem imprimir estas suas obras. Em Lisboa, a vinte e cinco de setembro de mil quinhentos e noventa e quatro. (ANCHIETA, 1990 [1595], p. 21)

Devido aos custos elevados da publicação que corriam por conta das ordens religiosas, dos dois textos, somente a gramática foi publicada em 1595. Os diálogos de Anchieta só viriam a prelo no conjunto de textos reunidos pelo Pe. Antônio de Araújo no *Catecismo da língua brasílica* (1618). O próprio *Catecismo* deixa entrever, em seu prólogo, a estreita relação entre os textos linguísticos e doutrinários:

Não deixando de advertir aos que desejão aprender a língua, pera con ella acodirê ao fim de sua vocação; que todos estes diálogos, instruções, & mais cousas anexas lhes podem administrar hũa materia de língua muy ampla, pera lhes não faltar (andando nelles bem vistos) a necessária pera bẽ espiritual dos índios, que pretendem o entrar, ou depois de entrados conservarse no sagrado gremio da immaculada igreja romana[...] (ARAÚJO, 1686, prólogo).

Ainda no Brasil, o Jesuíta italiano Luís Vicencio Mamiani publica no final do século XVII (1698) o *Catecismo na língua brazilica da nação Kiriri* e, no ano seguinte, a *Arte de grammatica da língua brazilica da nação Kiriri*.

Em outras partes da América, muitas gramáticas, dicionários e catecismos foram escritos pelos mesmos missionários e publicados conjuntamente.

Thomas de Aquino Cortez y Zedeño publica, em 1765, a *Arte, vocabulário y Confessionario en el idioma Mexicano* e, no prólogo da obra, deixa claro que os textos linguísticos e religiosos foram escritos com o mesmo objetivo, isto é, a conversão do gentio:

[...] en el arte observe harmonia blandas; et en el vocabulario, copia bastantes; en el confesionario, instruccion clara, y en toda la obra un medio necesario para el logro de los operarios evangelicos, y acertado cultivo en los naturales de todo el obispado de Guadaluaxara[...] (CORTEZ Y ZEDEÑO, 1765, prólogo)

Muitos missionários escreveram textos linguísticos e religiosos: O dominicano Bernardo de Lugo, por exemplo, publicou a *Gramatica de lengua general de Nuevo Reyno, llamada mosca* (1619) e, ao final da gramática, aparece o *Confessionario en la lengua mosca*. Do mesmo modo, o Jesuíta Diego de Torres Rubio termina a sua *Arte de la lengua Quechua* (1603) com um confessionário breve na mesma língua. No Peru, o Jesuíta Luís de Valdivia publica (1607) a *Arte y gramatica general de la lengua que corre en todo el Reyno de Chile, con un vocabulario y confesionario*. Em 1702, o jesuíta Pedro Maraban publica, no Peru, a *Arte de la lengua moxa con su vocabulario e catecismo* e, em 1743, outro jesuíta, Benito Rinaldini, publica, no México, a *Arte de la lengua tepeguana* que incluía vocabulário, dicionário e catecismo na mesma língua.



Imagem 2. Frontispício da Arte de la lengua tepecuana com vocabulário, confessionalário y catecismo (1743) de Benito Rinaldini.

### **3 . A dificuldade do aprendizado da língua**

Os missionários estavam cientes de que não viviam na época nascente do cristianismo em que Deus concedeu o dom das línguas aos apóstolos. Sendo assim, a ideia de que os religiosos deveriam se empenhar no árduo trabalho de aprendizado das línguas indígenas aparece em muitos prólogos de gramáticas e vocabulários:

Al principio de la primitiva yglesia concedio su magestad a sus primeros ministros que eran los apoteles: el principal instrumẽto para la predicación del evangelio, infundiendoles el don de las lenguas, de suerte que sin ser necesario trabajo, ni arte alguna, perfectissimamente entendieron y hablaron todas las lenguas, pero despues aca por castigo de la malicia humana, o por los ocultos juyzios de Dios: que aunque son ocultos siempre son justos, ya no se halla en la yglesia de Dios esta facilidad y milagro de entẽder y hablar luego las lenguas, sino que es necesario trabajo y sudor, indústria y arte [...]

(RINCÓN, 1595, Dedicatoria)

A imagem do sacrifício do missionário no difícil trabalho de aprendizagem da língua do gentio ficou eternizada na célebre passagem do sermão do Espírito Santo, pregado por Antônio Vieira na cidade de São Luís (1657). Nesse sermão, Padre Vieira argumenta que a dificuldade da conversão dos brasis estaria na qualidade da gente desta terra que é “a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de ensinar de quantas há no mundo” e na dificuldade da língua:

Pois se a Santo Agostinho, sendo Santo Agostinho, se à águia dos entendimentos humanos se lhe fez tão dificultoso aprender a língua grega, que tão vulgarizada entre os latinos e tão facilitada com mestres, com livros, com artes, com vocabulários e com todos os outros instrumentos de aprender, que serão as línguas bárbaras e barbaríssimas de umas gentes onde nunca houve quem soubesse ler nem escrever? Que será aprender o Nheengaíba, o Juruna, o Tapajó, o Tremembé, o Mamaianá, que só os nomes parecem que fazem horror?

As letras dos Chinas e dos japões muita dificuldade têm porque são letras hieroglíficas, como a dos Egípcios; mas enfim, é aprender línguas de gente política e estudar por letra e por papel. Mas haver de arrostar com uma língua bruta e de brutos, sem livro, sem mestre, sem guia e no meio daquela escuridade e dissonância haver de cavar os primeiros alicerces e descobrir os primeiros rudimentos dela, distinguir o nome, o verbo, o advérbio, a proposição, o número, o caso, o tempo, o modo e modos nunca vistos nem imaginados, como o de homens enfim tão diferentes dos outros nas línguas, como nos costumes, não há dúvida que é empresa muito árdua à qualquer entendimento e muito mais árdua à vontade que não estiver muito sacrificada e muito unida com Deus. (VIEIRA, 2014, p.429)

O franciscano Pedro Beltran, na dedicatória da sua *Arte de el idioma Maya* (1746), aponta a dificuldade da pronúncia desse idioma. É interessante observar como o missionário utiliza a imagem do espinho que fere o corpo do religioso para enfatizar o martírio que é “penetrar nessa mata de pulsantes espinhos” que é a língua Maya:

[...] y siendo el idioma Yucatéco una mata de punsantes espiños (por seis consonantes, que produce tan dificiles de pronunciar) que muchos, aun dispues de muchos años de exercicio, fecundos de vocablos, y perfeccionados de arte, tropiezan en la pronunciacion, heridos de su acrimonia, como de agúdos yspinos, de suerte, que en lugar de herir con la lengua los vocablos, ó letras; estas, y aquellas les heren las lenguas, ó se las embargan , y vienen por fin à quedar en un silencio tal, aun pronunciando, qualquer ales quardara el secreto[...] (BELTRAN, 1746, dedicatória)

## O discurso de Valorização das línguas indígenas

Os missionários se apropriaram do discurso de valorização das línguas vernáculas e manearam os mesmos argumentos dos intelectuais europeus para construir um discurso de valorização das línguas nativas da América.

A ideia de que a língua indígena seria um veículo adequado para a transmissão da verdade divina, tão elegante e copiosa quanto a língua latina e as línguas europeias, aparece, por exemplo, no prólogo da *Grammatica o Arte de la lengua general de los índios de los reynos del Peru* (1560), escrita pelo frei

dominicano Domingo de Santo Tomás. No prólogo, dedicado a Felipe II da Espanha, podemos ler as seguintes palavras do missionário:

Mi intento, pues, principal, S.M. ofrecerlos este arzeillo há sido para que por él veáis muy clara y manifestamente cuán falso es lo que muchos os han querido persuadir ser los naturales de los reinos de Perú bárbaros & indignos de ser tratados con la suavidad y libertad que los demás vassalos lo son. Lo cual claramente conocerá V.M. ser falso si viere por este arte la gran policía que esta lengua tiene, la abundancia de vocablos, la conveniencia que tienen con las cosas que significan, las materias diversas y curiosas de hablar, el suave y buen sonido al oído de la pronunciación de nuestra lengua, el estar ordenada y ornada con propiedad de declinación y demás propiedad de tempos y personas del verbo. Y brevemente en muchas cosas y maneras de hablar tan conforme a latina que no parece sino que fue un pronóstico que españoles la habían de posseder. Lengua, pues, S.M., tan polida y abundante, regulada y encerrada debajo de las reglas y preceptos de la latina como es esta (como consta por este arte) llena de barbarismo y de defectos, sin modos tempos, ni casos, ni orden, ni regla, ni concierto, sino muy polida y delicada se puede llamar. Y si la lengua lo es, la gente que usa d'ella no entre bárbara, sino con la mucha policía la podemos contar, pues, según el filósofo en muchos lugares no hay casa en que más se conozca el ingenio del hombre que en la palabra y la lenguaje que usa, que es el parto de los conceptos del entendimiento.

( TOMÁS, 1560, prologo).

Como já observado por Esparza Torres (2016), o prólogo de Domingo de Santo Tomás, *mutatis mutandis*, encontra na língua dos índios do Peru as mesmas qualidades elencadas pelos letrados do renascimento na defesa das línguas nacionais. Ainda de acordo com Esparza Torres (2016, p. 25), podemos resumir os argumentos do dominicano aos seguintes pontos:

- Do conhecimento da língua nativa se depreende a sua riqueza léxica, gramatical e suavidade expressiva;
- Não se pode considerar bárbara a língua nativa, pois admite comparação com as línguas latina e espanhola;
- Pela riqueza da língua se reconhece a dignidade de seus falantes;

- A extensão e unidade da língua facilitará o governo da Coroa espanhola.

Como lemos no prólogo, Domingo de Santo Tomás faz uma longa enumeração das qualidades da língua dos índios “la abundancia de vocablos”, “la convergencia que tienen con las cosas que significan”, “la suavidad y buen sonido al oído”, “en mucha cosa de hablar tan conforme a latina”, “tan polida y abundante”. Portanto, para frade dominicano, o processo de construção de uma humanidade da população nativa da América passava pelo reconhecimento das qualidades das línguas indígenas.

As palavras de Domingo de Santo Tomás adquirem maior relevância se lembrarmos que, no início do século XVI, acirrava-se, na Europa, a polémica sobre a natureza e humanidade do índio. Entre os anos de 1550-1551, por ordem de Carlos V, ocorreu, em Valladolid, o célebre debate entre Frei Bartolomé de las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda. Os dois intelectuais deveriam dissertar sobre a legalidade de se fazer guerra justa aos indígenas e submetê-los as leis antes da pregação da verdade evangélica.

Sepúlveda, baseando-se na doutrina aristotélica da escravização natural, defendia que, no contexto da colonização das novas terras pela coroa espanhola, era permitido e útil não só à Coroa, mas também à pregação do evangelho, fazer guerra justa aos indígenas. Las Casas, em contrapartida, baseando-se na doutrina cristã advogava a ilegalidade de se fazer guerra justa e defendia uma conversão/conquista mais branda.





Imagem 3. Frontispício da Grammatica o Arte de la lengua  
general de los reynos del Peru (1560)

Domingo de Santo Tomás ao afirmar, no início do prólogo, que os “naturales de los reinos del Perú” não são “bárbaros & indignos de ser tractados con la suavidad y libertad que los vassalos vuestros son”, retoma a polêmica sobre a natureza da conversão que a Coroa espanhola deveria adotar no trato com os nativos da América e se coloca ao lado de Las Casas.

Outro missionário, D. Juan Roxo Mexia y Ocon, ao descrever a língua geral dos índios do Peru, aponta a facilidade de verter qualquer oração do latim para a língua dos índios:

[...] he comuesto este arte, con todos los preceptos de que necessita assí para habrarla con propiedad como para traducir en ella, qualquiere oracion latina. (MEXIA y OCON, 1648, Al lector)

Em outro momento, ele compara a cópia e a elegância da língua dos índios com a cópia e elegância das línguas latina e espanhola:

[...] con la cual se ve cuan cumplida sea esta lengua, pues no falta en ella ningún romance que tenga la española y la latina con suma propiedad siendo sus frases en esta tan elegante como de aquellas.

(ROXO MEXIA y OCON, 1648, p. 58)

Além da elegância, abundância de vocábulos e proximidade com a língua latina, alguns missionários apontavam a regularidade e a facilidade da língua que descreviam. O jesuíta Andrés Febres, na *Arte de la lengua general del reyno de Chile* (1765), destaca as qualidades da língua que descrevia:

[...]siempre he juzgado, aun à los principales ser mucha la facilidade, y mayor la conexion de esta lengua general de Chile, pues con verà el estudioso, sabiendo declinar un nombre, y conjugar un verbo se saben declinar, y conjugar todos: y un sabido tiempo, con facilidad se saben todos [...] (FEBRES, 1765, prologo).

No trabalho de descrição das línguas nativas, os missionários, para construir discursivamente a dignidade das línguas dos índios, incorporaram, aos prólogos de gramáticas e dicionários, os mesmos argumentos que os intelectuais do renascimento utilizaram para valorizar as línguas nacionais. E, nesse processo, como

destaca Zimermann (2006, p. 327), o reconhecimento de que “las lenguas indígenas sean aptas para la transmisión de las ideas del evangelio, implica la construcción *a priori* de la igualdad de los idiomas en términos del expresión del pensamiento”.

## Referências

ANCHIETA, J. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Obras completas vol. 11. Edição fac-similar – Apresentação Carlos Drummond. Notas Pe. Armando Cardoso S.J. São Paulo, Loyola, 1990 [1595].

ARAÚJO, A. de. *Catecismo na lingua brasílica, no qual contém a suma as doutrina christã. Com tudo que pertence ao mysterio de nossa sancta fé e bõs costumes. Composto a modo de dialogo por padres doctos & bons línguas da companhia de IESU (1618). Emendado nesta segunda edição pelo padre Bartolomeu de Leam da mesma companhia*. Lisboa, oficina de Michel Deslandes, 1686.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Ed. Unicamp, 2009.

BARROS, J. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da santa madre igreja*. Gabriel Antunes de Araújo (org.). Humanitas-Paulistana, 2008 [1539].

\_\_\_\_\_. *Gramática da língua portuguesa, Cartinha, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Leitura, introdução e notas: Leonor Carvalhão Buescu. Universidade de Lisboa, 1971 [1540].

\_\_\_\_\_. *Diálogo em louvor da nossa linguagem*. In: HUE, S.M (edição, introdução e notas) *Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa*. 7letras. Rio de Janeiro, 2007 [1540].

BELTRAN, P. *Arte de el idioma maya reducido a succitas reglas y semilexicon Yucateco*. Lima, 1764. Disponível em: <https://Archive.org/details/Artedeelidiomama00belt> Acesso 20/07/2019

BERTONIO, L. *Arte de la lengua maya. Mexico*, 1603. Disponível em: <https://Archive.org/details/Arteygrammaticam00bert> Acesso 20/07/2019

CORTEZ Y ZEDAÑO, G.T.A. *Arte, vocabulario y confesionario en el idioma mexicano*. 1765. Disponível em: <https://Archive.org/details/Artevocabularioy00cort> Acesso 20/07/2019

DAHER, A. *A oralidade Perdida*. Ensaios de história das práticas letradas. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. *Écrire la langue indigène*. La grammaire tupi et les catéchismes bilingues au Brésil (XVI<sup>e</sup> siècle). In: mélanges de l'école française de Rome. Italie et Méditerranée, tome III, n.1, 1999. pp. 231-250.

DU BELLAY, J. *La défense et illustration de la langue française*. In: Ouvres françaises de Joaquim de Belley. Paris, Alphonse Lemere editeur, 1846 [1549].

ESPARZA TORRES, M.A. Elogio de la lengua nativa y planteamiento metalingüístico en las gramáticas misioneras: el ejemplo de Domingo de Santo Tomás. *Revista de investigación lingüística*, 19. Universidade de Murcia, 2016. pp. 15-33.

FEBRES, A. *Arte de la lengua general del reyno de Chile con un dialogo chileno-hispanico muy curioso: a que se añade la doctrina christiana, esto es, reza, catecismo, coplas, confessorio, y platicas; lo mas en lengua chilena y castellana*. Lima, 1765.

Disponível em: <https://Archive.org/details/Artedelalenguag00febr> Acesso 20/08/2019

GÂNDAVO, P. de M. *Diálogo em defesa da língua portuguesa*. In: HUE, S.M (edição, introdução e notas) Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa. 7letras. Rio de Janeiro, 2007 [1574].

HOLGUIN, D. G. *Gramatica y arte dela lengua general de todo el peru llamada Quichua, o lengua del inca*. Peru, 1607.

Disponível em: <https://Archive.org/details/Gramaticayartenu00gonz> Acesso 20/08/2019

LEÃO, D. N. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Imprensa Nacional-Casa da moeda. Lisboa, 1983.

MARABAN, P. *Arte de la lengua moxa, con su vocabulario y catecismo*. Lima 1702.

Disponível em: <https://Archive.org/details/Artedelalenguamo00mar> Acesso 20/08/2019

MEXIA Y OCON, D. J. *Arte de la lengua general de los indios del peru*. Lima, 1648.

Disponível em: <https://Archive.org/details/Artedelalenguage00roxo> Acesso 20/07/2019

MORALES, A. de. *Discurso sobre la lengua castellana*. In: Las obras de Francisco Cervantes de Salazar, Madrid, 1773 [1586] pp. 1-32.

OLIVEIRA, F. *Gramática da linguagem portuguesa*. Introdução, leitura atualizada e notas Maria Leonor Carvalhão Buescu. Imprensa Nacional-Casa da moeda, Lisboa. 1975.

RIDRUEJO, E. *El arte de la lengua de Chile de Luís de Valdivia*. In: Arte y gramatica general de la lengua que corre en todo el reyno de chile. Madrid, Agência española de cooperación internacional, 2007. pp. 7-197.

RINCÓN, A. *Arte mexicana*, México, 1595.

Disponível em: <https://Archive.org/details/Artemexicana00rinc> Acesso 20/08/2019

TOMÁS, D. S. *Grammatica o Arte de la lengua general de las indias de los reinos del Peru*. Valladolid, 1560.

Disponível em: <https://Archive.org/details/Grammaticaoarted00domi> Acesso 20/08/2019

VALDÉS, J. *Diálogo de la lengua* (1535). Madrid, Espasa-Calpe. 1876 [1535]

VIERIA, A. *Sermões tomo I*. Introdução e Organização Alcir Pécora. São Paulo, Hedra, 2014.

VIÑAZA, C. de. *Bibliografía Española de Lenguas Indígenas de América* Madri, Est. Tip. Sucesores de Rivadeneyra, 1977 [1892].

ZIMMERMANN, k. *Las gramáticas e vocabularios misioneros: entre la conquista y la construcción transcultural de la lengua del otro*. In: P. Máñez Vidal y M. del R. Dosal G. (eds.). V encuentro internacional de lingüística en Acatlán, México, Unam, 2006. pp. 319-356.

